A Pedra no Caminho

Recontado por Eesha Sardesai

A Rainha Amanitore estava caminhando pela estrada, a cabeça erguida e as vestes flutuando atrás dela. À distância, viam-se as altas e imponentes pirâmides de seu povo, os núbios, e diante delas corria o rio Nilo. Ele serpenteava através deste reino de areia e ouro, uma promessa de vida em meio ao deserto.

Durante a caminhada, a rainha passou por muitos de seus súditos — mercadores e artesãos, agricultores e outros camponeses. Ela os saudou com um aceno ou um pequeno sorriso, mas sem muito dizer. Amanitore era uma governante de grande sabedoria e profunda compaixão; em suas caminhadas, ela ouvia e observava, observando o que seus súditos estavam fazendo e pensando em como poderia melhor apoiá-los.

Logo a rainha chegou a um mercado fervilhante. Havia dois mercadores na entrada do lugar e parecia que estavam discutindo.

— Era *minha* a cliente que você roubou! — um deles estava dizendo, com a voz ríspida de raiva. — Aquela senhora queria comprar as *minhas* joias!

— *Bah*! — disse o outro mercador — Como ela poderia desejar comprar as suas joias, se ela comprou as *minhas*?

A discussão foi crescendo e logo estavam gritando a plenos pulmões, o dedo apontado na cara um do outro. O olhar da rainha pairou sobre eles por alguns momentos antes dela seguir seu caminho.

Logo depois, ela se deparou com um par de agricultores. Eles também discutiam.

— Como você ousa vir vender os *seus* grãos perto da *minha* banca? — dizia um dos agricultores.

— Do que você está falando? — exclamou o outro fazendeiro. — Eu cheguei aqui primeiro, é *você* quem tem que sair.

Quando a rainha ouviu a discussão, pensou: “Algo não está certo aqui”.

No dia seguinte, no palácio, ela chamou seus assessores.

— Quero que vocês encontrem a maior pedra do reino — ela lhes disse, — e o coloquem no trecho mais congestionado da estrada que percorri ontem.

Os assessores concordaram e saíram imediatamente. Ao cair da noite, já haviam retornado.

— Vossa Alteza — disseram —, cumprimos o seu pedido. Colocamos a pedra no meio da estrada.

— Muito bom —disse a rainha. — Amanhã de manhã me levem até a pedra.

Então, na manhã seguinte, eles a levaram ao trecho da estrada bem próximo ao mercado. Todos os que quisessem comprar ou vender seus produtos no mercado tinham que passar pelo local. Só que agora, é claro, havia uma enorme pedra bloqueando o caminho – um enorme maciço de uma pedra marrom rosada.

— Excelente — a Rainha Amanitore disse quando viu a pedra. — Agora vamos nos esconder, atrás daquelas árvores, e ver o que acontece.

Assim que encontraram um lugar atrás das árvores, ouviram um barulho vindo da estrada. Era um homem guiando um carro de boi e se dirigia diretamente para a pedra.

— Eia! Ôôaa! Ôôaa! Esperem — gritou o homem, puxando as rédeas dos bois. Os bois pararam abruptamente, catapultando o homem que caiu sobre os animais.

— O q-qu-quê? — disse ele, ao deslizar pela canga dos bois e dar alguns passos em direção à pedra. — Como isso veio parar aqui?

Fez a volta por um dos lados da pedra e depois pelo outro lado, tentando entender sua aparição repentina. Finalmente, deu de ombros, pulou de volta para a boleia e guiou os bois para que dessem a volta na pedra.

Silenciosamente, detrás das árvores, a rainha balançou a cabeça.

Passaram-se alguns minutos. Então, ouviram-se passos, pesados e vagarosos. Uma dupla de artesãos vinha pela estrada, carregando juntos um saco grande, abarrotado com suas coisas.

— Oh, nãão! — disse um deles, quando se aproximaram da pedra. Ele estava ofegante sob o peso do saco — Olha a pedra que está no caminho!

— Estou vendo, e não posso acreditar! — disse o amigo. — Viemos de tão longe, carregando tanta coisa e quando pensamos que estávamos chegando no mercado, acontece *isso*!

Os homens continuaram resmungando e reclamando por um tempo. Finalmente, suspiraram, seguraram o saco com mais força e deram a volta na pedra.

Novamente a rainha balançou a cabeça.

Não muito tempo depois, chegou o próximo grupo. Era um trio de nobres cortesãos que a rainha conhecia muito bem. Eram homens cultos, respeitados em todo o reino pelo seu conhecimento sobre ética e outras filosofias.

Estavam profundamente envolvidos numa discussão, debatendo algumas questões morais, quando um deles ergueu o olhar e viu a pedra. Parou abruptamente e abriu os braços na frente dos outros.

— Olhem! Vejam isso! — Disse ele. — Uma pedra. Bem no meio do caminho. Quem teria feito isso?

Seus companheiros olharam para a pedra, igualmente surpresos.

— Provavelmente um dos trabalhadores da pedreira — exclamou um deles, finalmente, com as sobrancelhas cerradas. — Eles sempre fazem tamanha bagunça no seu trabalho.

— Esse pessoal da pedreira! — disse o terceiro, com o dedo em riste no ar. Agora que haviam começado a falar dos empregados da pedreira, foi fácil encher a boca para falar deles.

— Eu sabia que eles tinham o hábito de deixar as ferramentas jogadas por aí, sem se importar com quem as encontrasse — continuou o outro. — Mas isso? Deixar uma *pedra* de verdade no meio da estrada? E uma pedra das grandes! Que absurdo! Terrível! Que falta de consideração! Deplorável!

Conforme os insultos foram se tornando mais agressivos e complexos, os outros dois concordavam vigorosamente. *Sim, sim*, pensaram. *Que horror. Que coisa terrível foi feita por esse pessoal da pedreira!*

E continuaram xingando os trabalhadores conforme eles mesmos desviavam da pedra no caminho.

Atrás das árvores, um dos assessores da rainha voltou-se para ela:

— Vossa Alteza — disse ele – se me permite a pergunta: o que estamos buscando aqui? O que você espera que aconteça?

— Apenas espere — disse a rainha calmamente. — Você verá.

Assim que ela fez o comentário, apareceu um fazendeiro humilde caminhando pela estrada. Ele carregava uma mochila pequena sobre os ombros.

Assim que se aproximou da pedra, parou.

— Esta pedra está bloqueando o caminho para o mercado — falou consigo mesmo. — Isso vai ser um problema para as pessoas que vão ter que dar a volta.

Então, colocou sua mochila no chão, caminhou em direção à pedra e com os pés firmemente plantados no chão, começou a empurrar.

Rrrrrrrrr. A pedra não se mexeu.

Rrrrrrrrr. Nada ainda.

Rrrrrrrrr. Desta vez ele conseguiu sentir um pequeno movimento, com a pedra se soltando um pouco do solo embaixo dela. O homem olhou para baixo e viu que a pedra tinha se movido um pouquinho.

Rrrrrrrrr. Era um trabalho duro, mas agora que a pedra tinha se movido, ficou mais fácil empurrá-la, pouco a pouco.

Conforme ele continuava empurrando, mais pessoas apareceram na estrada. Quando o viram, pararam; não podiam ajudar, mas foram tomados por um

sentimento de admiração por ele: este homem de estatura delgada, aplicando toda a sua força para empurrar a pedra.

E então ... um dos observadores se aproximou. Ele também plantou os pés firmes no chão. Também colocou as mãos na superfície áspera da pedra e começou a empurrar. Depois disso, outra pessoa se aproximou, e outra, e outra até que uma multidão de pessoas havia se reunido ao redor da pedra. Todas elas colocaram as mãos na pedra e empurraram, como se fossem uma única pessoa.

E ao fazerem isso, cada um pôde sentir algo se abrindo em seu coração. Puderam sentir algo suavizando. Inspirados pela generosidade de espírito do fazendeiro, eles também experimentaram a bondade que surge quando ajudamos os outros. Inspirados pela perseverança do fazendeiro, sua determinação em continuar até que a tarefa estivesse concluída, eles também redobraram seus esforços. Empurraram continuamente, com uma corrente de energia percorrendo a todos, vinda de seu interior. A pedra, que inicialmente parecia incrivelmente grande, logo começou a deslizar facilmente pelo terreno. Logo, estava completamente fora do caminho.

O grupo que havia se juntado ao fazendeiro, o cercou. Davam tapinhas em suas costas e o abraçaram carinhosamente. Então, com o sol brilhando sobre suas cabeças, entraram juntos no mercado.

A rainha saiu detrás das árvores. Estava sorrindo.

— Está um lindo dia, não? — disse para seus assessores. — Perfeito para uma caminhada.

© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.